

SALAS ESPECIAIS: MEIO DE INTEGRAÇÃO OU EXCLUSÃO?

Lunna Ferreira Araujo

Quando adquirimos um olhar crítico para a realidade a nossa volta, passamos a enxergar para além do que somente a visão é capaz de abarcar. Atrelando essa ideia a alguns contextos aos quais estive inserida durante um tempo, questionei-me como as salas especiais, nas escolas, podem ser consideradas fatores reforçadores do não reconhecimento da singularidade e das necessidades dos indivíduos. Os principais geradores desse questionamento foram meus anos de Ensino Médio, em uma escola particular com a minha participação em um projeto de extensão escolar, por cerca de um ano.

O humanismo defende a noção de que o homem nunca é um meio; na verdade, ele representa um valor absoluto (MUNDIM NETO, 2017, p. 44). Entretanto, o total reconhecimento disso, só acontece pelo amor (NOGARE, 1990, apud MUNDIM NETO, 2017), pois esse desperta e dinamiza as relações, ou seja, o amor se realiza na solidariedade e em comunhão. Reconhecer que cada um tem um valor absoluto é reconhecer as diferenças como construtoras e pertencentes a esse valor. A tensão faz parte desse amor e é sobre ela que recaem as diferenças, tão necessárias para a criação. Entretanto, sustentar essa noção do homem é, praticamente, um ato frustrado enquanto este permanecer instrumentalizado.

O processo de instrumentalização reforça uma invisibilidade, presente nas escolas, principalmente no que se refere a alunos com algum diagnóstico. Isso, muitas vezes, serve como fortalecimento de um rótulo. Tal discurso do diagnóstico tem um peso na dinâmica da rotina vivida e no olhar para o indivíduo, ao menos pelo que eu observei e escutei no projeto de extensão. Kelly (2012) apresenta a noção de que esse rótulo molda a criação de barreiras que impedem a visualização das capacidades do aluno com diagnóstico, mas, essencialmente, fazem-no perder a própria identidade, tornando-o invisível. Quando isso acontece, a relação entre o aluno e a escola é prejudicada, pois a comunhão não se torna concreta, uma vez que um lado acaba se tornando menos significativo. Os discentes que vivem isso, como os referidos por Kelly, dia a dia ocupam um lugar menos expressivo e passam despercebidos, quase se tornando “coisas” (KELLY, 2012, p. 21).

Há aqui uma possível problemática presente no discurso do humanismo, que é o lugar cedido para a ideologia e a retórica, caindo na falta da realização concreta dos seus princípios (MUNDIM NETO, 2017, p. 47-48). Sobre a distância entre as ideias e o acontecimento, Kelly (2012) usa, em sua dissertação, a metáfora de um abismo. Essa autora usa essa ideia para

evidenciar a distância que existe entre as imposições legais e os avanços éticos da cultura escolar (2012, p. 37).

Para que o homem tenha liberdade, ele precisa ir além de algo ilusório, ele precisa ser tornar livre (MUNDIM NETO, 2017, p. 46). Reduzir um indivíduo a uma sala especial, onde, praticamente, toda a sua jornada escolar se dá, não é torná-lo livre. A problemática não é a sala especial em si, mas como o uso dela é feito. Ao invés de ser algo parcial, a sala, por vezes, torna-se integral, como os casos narrados por Kelly (2012). Os alunos por ela mencionados estavam presos a um injusto processo de exclusão. Assim, vivenciavam o oposto do que é ser livre.

O procedimento homogeneizador, adotado por muitas escolas, tem em si práticas padronizadas com os alunos (KELLY, 2012, p. 20), podendo não os fazer sujeitos livres, justamente por não reconhecer, de forma concreta, as singularidades de cada um. As salas especiais, apresentadas por Kelly (2012, p. 21), construíram situações para que os alunos se adequassem a certos comportamentos, e não enfocaram no desenvolvimento dos indivíduos. De forma direta, isso reflete na educação. Brandão, (2005, p. 9) em seu livro, relata que não há somente uma forma, nem único modelo educacional. Afirmando isso, ele concorda e, inclusive, menciona, mais à frente em seu trabalho, que a educação acontece de forma livre (BRANDÃO, 2005, p.10).

A liberdade está, também, nas relações; sendo assim, fazer com que alguns alunos tenham educação integral em salas especiais, em salas especiais sem relação com os demais alunos, não contribuirá com o processo de aprendizado. A educação ocorre nos grupos, no social, no criar e no recriar. Isso ajuda a refletir sobre o homem e, acima disso, ajuda a criá-lo, justamente através das trocas (BRANDÃO, 2005, p. 10-11). O indivíduo com deficiência vivencia uma exclusão na estrutura escolar, na qual há uma eliminação dos possíveis vínculos com os processos de vida social. As salas especiais, pertencentes a essa estrutura, impedem os sujeitos de desenvolverem o sentimento de pertença social (KELLY, 2012, p.22-23).

A separação e a exclusão reforçam a invisibilidade, não contribuindo para o reconhecimento das singularidades de cada indivíduo. Isso evidencia uma sociedade intolerante à diversidade. Essa exclusão vai além de um desagregar físico, conduz a uma perda identitária da pessoa, reforçando a invisibilidade do seu ser social (KELLY, 2012, p. 28-29). O tempo que os alunos ficavam nas salas especiais se torna um ponto importante. Os dois alunos mencionados por Kelly (2012), ambos com 15 anos, passaram o tempo inteiro de suas vidas escolares em salas especiais. Ela aponta que tudo indicava que esses indivíduos estavam muito distantes de fazerem parte de um ensino comum.

As minhas motivações pessoais para escrever esse texto acadêmico não são sobre alunos que passaram a vida escolar integralmente em salas especiais, mas sobre o modo como essas salas fazem parte de suas rotinas. Nos meus anos de ensino médio, tive algumas matérias com os alunos que, frequentemente, iam para esses ambientes especiais. Enquanto escrevia esse artigo, lembrei-me bastante das minhas vivências e percebi, de fato, que ter esses alunos em salas de aula comuns os tornaram menos invisíveis, mais integrados e menos excluídos. Experienciar tê-los nos meus espaços sociais me ajudou, inclusive, a reconhecer suas singularidades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R.. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

KELLY, B.O.. **A mágica da exclusão: sujeitos invisíveis em salas especiais**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MUNDIM NETO, J.F.. **A crise da educação contemporânea e a escola: o que paira sobre o chão que pisamos?** Tese (Doutorado em Educação)-Universidade de Brasília, 2017.